
ESTÁGIO SUPERVISIONADO, LÚDICO E REGÊNCIA: UM OLHAR SOBRE AS REFLEXÕES DE UM ESTAGIÁRIO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/ CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA NUMA ESCOLA DE NÍVEL MÉDIO NO MUNICÍPIO DE ALTO ALEGRE DO MARANHÃO-MA

SUPERVISED INTERNSHIP, PLAY AND CONDUCTING: A LOOK AT THE REFLECTIONS OF AN INTERN ON THE DEGREE COURSE IN FIELD EDUCATION/NATURAL SCIENCES AND MATHEMATICS IN A MIDDLE LEVEL SCHOOL IN THE MUNICIPALITY OF ALTO ALEGRE DO MARANHÃO-MA

Tiago de Oliveira Ferreira

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-1144-5788>
tiago.oliveira.ufma@gmail.com

Pós-graduando em Ciências da Natureza, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho, pelo CEAD/UFPI, Graduado em Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza e Matemática, pela UFMA; Professor na rede municipal de ensino de Alto Alegre do Maranhão - MA.

RESUMO

Este relato tem por objetivo geral discorrer sobre as experiências de um estagiário durante o Estágio Supervisionado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza e Matemática, realizado numa escola de nível médio no município de Alto Alegre do Maranhão-MA. Como objetivos específicos, apresentar a concepção do ambiente educativo onde foi realizado o estágio e os aspectos tanto positivos quanto negativos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem e, mapear as ações pedagógicas realizadas pelo estagiário, revelando sua reflexão acerca do fazer docente nesse espaço-tempo. A partir de um conjunto de atividades realizadas – pesquisa documental (PPP), entrevistas semiestruturadas (à gestão e equipe administrativa), somada às observações e, principalmente, à regência em sala de aula, considerando a especificidade do curso (Educação do Campo) – identificou-se que a instituição possui uma infraestrutura propícia para o ensino-aprendizagem; uma gestão aberta ao diálogo; professores qualificados; timidamente certos educadores tentam relacionar os conteúdos trabalhados com o aproximado do viver discente; houve uma receptividade das atividades lúdicas/práticas propostas pelo estagiário. Entretanto, a maioria dos educadores desconhecem/não possuem nenhuma formação no âmbito da Educação do Campo; de certo modo, não conhecem a realidade do alunado devido residirem na cidade e outros fora do município; apesar de terem sido ofertadas aulas mais dinâmicas, não necessariamente houve 100% de aproveitamento/participação por parte dos alunos; infelizmente uma minoria de estudantes ainda não deram o devido valor aos estudos.

Palavras-chave: estágio supervisionado; Educação do Campo; lúdico; regência.

ABSTRACT

The general objective of this report is to discuss the experiences of an intern during the Supervised Internship in the Degree Course In Rural Education/Natural Sciences and Mathematics, held at a high school in the municipality of Alto Alegre do Maranhão-MA. As specific objectives, present the conception of the educational environment where the internship was carried out and the positive and negative aspects inherent to the teaching-learning process and, map the pedagogical actions carried out by the intern, revealing his reflection on teaching in this space-time. Based on a set of activities carried out – documentary research (PPP), semi-structured interviews (to management and administrative staff), in addition to observations and, mainly, conducting in the classroom, considering the specificity of the course (Country Education) – it was identified that the institution has a suitable infrastructure for teaching and learning; management open to dialogue; qualified teachers; timidly, certain educators try to relate the contents covered with the approximate student experience; there was a receptivity to the playful/practical activities proposed by the intern. However, the majority of educators are unaware of/do not have any training in the field of Rural Education; in a way, they do not know the reality of students because they live in the city and others outside the municipality; although more dynamic classes were offered, there was not necessarily 100% student success/participation; unfortunately, a minority of students still do not give due value to their studies.

Keywords: supervised internship; Rural Education; ludic; regency.

INTRODUÇÃO

Durante nossa formação acadêmica, em especial, na licenciatura, alcançamos subsídios como a participação e troca de conhecimentos em atividades com outros colegas e professores mais experientes, monitoria, programas de iniciação científica ou pedagógica, etc, que contribuem tanto para nossa lapidação (porque alguns profissionais já atuam antes mesmo de adentrarem numa universidade, com formação em Magistério, por exemplo) quanto para nossa futura atuação na área em que iremos nos formar. No entanto, para obtermos o grau de formado, é necessário que passemos por um período de experiências que faz toda diferença em nossa decisiva atuação: o estágio supervisionado.

Não é novidade para nós que o estágio é uma disciplina obrigatória na formação acadêmica de diversos profissionais, porém, é um grande divisor de águas dentro dessa trajetória formativa. Segundo a Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 que dispõe sobre o estágio dos estudantes, em seu Art. 1º, diz que o estágio

É ato educativo escolar supervisionado, **desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos** que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (Brasil, 2008. Grifos meu).

Ou seja, o estágio é uma oportunidade de nos sentirmos pertencentes ao nosso futuro espaço de atuação; e não deve ser somente compreendido [por muitos, inclusive] como uma obrigatoriedade a ser realizada ou nada mais que uma repetição daquilo que o estagiário observa durante as aulas ministradas pelo titular da sala.

Vendo-o com outros olhos, deve ser compreendido como “[...] uma atitude investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade” (Pimenta e Lima, 2005, p. 06). É, antes de tudo, um ensejo de crescimento, é um dos caminhos que trabalha/aprimora a formação do indivíduo e o prepara para o ingresso no mercado de trabalho.

Desse modo, o estágio supervisionado, neste caso, no ensino médio, se configura não somente como uma exigência acadêmica, em que o discente deva, obrigatoriamente, realizá-lo; muito pelo contrário, pois se manifesta como uma oportunidade tanto de crescimento pessoal quanto profissional, somado ao fato de ser um importante instrumento de integração entre universidade, escola e comunidade (Bernardy e Paz, 2012).

Nesse sentido, o Centro de Ensino “José Ribamar Maranhão”, escola de ensino médio, localizada na cidade de Alto Alegre do Maranhão-MA, enquanto instituição educativa que atende a maioria dos adolescentes, jovens e até mesmo adultos tanto da cidade quanto dos povoados circunvizinhos, aliado ao fato de ter sido a escola em que o estagiário concluiu o seu ensino médio, tem muito a contribuir, seja enquanto dependência educacional que promove o saber, seja por se constituir como um dos momentos ímpares para a formação/atuação profissional do estagiário/ex-aluno.

Por essa razão, esse relato tem por objetivo geral discorrer sobre as experiências de um estagiário durante o Estágio Supervisionado no Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza e Matemática, realizado numa escola de nível médio no município de Alto Alegre do Maranhão-MA. Como objetivos específicos, apresentar a concepção do ambiente educativo onde foi realizado o estágio e os aspectos tanto positivos quanto negativos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem, bem como mapear as ações pedagógicas realizadas pelo aprendiz/estagiário, revelando sua reflexão acerca do fazer docente num espaço-tempo em que, dentre outros fatores, lhe permitiu compartilhar conhecimentos e pensar sobre a sua futura atuação neste nível de ensino.

DESENVOLVIMENTO

O referido estágio foi desenvolvido entre maio de 2023 e agosto de 2023. O primeiro contato com a escola, foi na figura do gestor geral e de sua adjunta, pelos quais fui muito bem recebido. Feito os procedimentos de apresentação, o motivo da visita, etc, fui aceito como estagiário. A partir daí dei início às atividades: apresentação ao supervisor técnico/titular da disciplina (Biologia), leitura documental no tocante ao PPP – Projeto Político Pedagógico – que norteia o funcionamento da escola, dos livros didáticos, bibliografias acerca da temática de estágio, etc.

Dentro da dinâmica de estágio, isto é, a partir de leituras feitas sobre o PPP, observação dos espaços, conversas/reuniões com o supervisor técnico, com a direção, algumas conversas informais com outros profissionais em momentos de intervalo, etc, fez-se necessário construir um questionário para obter mais informações acerca do contingente de alunos, equipe docente/formação, concepção de educação que referencia o trabalho da escola e instrumentos de organização do trabalho pedagógico, público-alvo e condições de aprendizagem, relação entre escola e comunidade, dentre outros.

É bem verdade que o estagiário é ex-aluno da escola (concluiu em 2015) e, de certo modo, já tinha conhecimento de alguns elementos, mas foram observadas algumas inovações e era necessário compreendê-las.

Para efeito de melhor compreensão, este trabalho está subdividido em duas partes: a primeira, versando sobre o ambiente educativo e suas atuais condições de ensino e de aprendizagem e, a segunda, refere-se às atividades pedagógicas realizadas pelo estagiário, compreendida como a maior experiência durante o estágio.

PRIMEIRA PARTE

A partir das entrevistas realizadas com a direção e a equipe administrativa da escola, somada às observações do espaço e durante as aulas, obteve-se o seguinte:

Caracterização do campo de estágio

O “Centro de Ensino José Ribamar Maranhão” é uma instituição de caráter pública, de esfera Estadual e atendimento municipal, e está localizado na Rua Raimundo Veiga, S/N – Centro – Alto Alegre do Maranhão-MA, fundado em março do ano de 1985. A referida escola está inscrita no CNPJ: 01.827.903/0001-03 e atualmente, oferece Ensino Médio em sua sede e 06 turmas em sala fora no povoado Caxuxa; funciona o Ensino Médio Regular – 1º, 2º e 3º anos nos turnos matutino, vespertino e noturno, bem como a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA) nível Médio, no último turno.

Sobre sua estrutura física, apresenta-se propícia para uma boa ambientação e educação de qualidade, uma vez que já possui 13 dependências climatizadas: 08 salas de aulas, sala dos professores, secretaria, diretoria, vice-diretoria e biblioteca; e os espaços não climatizados, possuem ventiladores e são bem arejados.

Equipe docente

Em relação aos professores há um quantitativo de 40, qualificados em áreas distintas, conforme a área ou disciplina que lecionam. São 16 educadores nomeados e 24 em caráter de contratados; a maioria deles atuam na sua área de formação, mas há um professor que não tem formação na área, “que dá aula de Língua Espanhola sendo formada em letras, mas é uma excelente profissional” (Silva, 2023, p. 03). Ainda sobre a formação pedagógica (graduação ou continuada), há alguns professores que já possuem especialização e outros que estão concluindo mestrado, dizendo muito sobre a construção de novos conhecimentos, assim como da necessidade de elaborar novas técnicas/metodologias pertinentes que coadunam para a aprendizagem dos educandos (Alarcão, 1998, p. 106; Guimeiro, 2017, p. 15).

No que diz respeito à gestão, a escola é gerida por um gestor geral e uma adjunta – muito receptíveis e abertos ao diálogo, inclusive.

Concepção de educação que referencia o trabalho da escola e instrumentos de organização do trabalho pedagógico

Paulo Freire (1996) ressalta que os alunos/sujeitos precisam ser compreendidos como indivíduos capazes de se fazerem e refazerem no processo de ensino e aprendizagem. A escola em questão também observa este detalhe e trilha nessa linha de percepção, uma vez que sua missão é propiciar a formação humana e integral do sujeito e, nesse ponto,

[...]deverá propiciar competências e habilidades, tornando assim, **o aluno um ser ativo, participativo e transformador da sociedade** e fazendo a partir daí valer os conceitos de ensinar e aprender, afinal, aprender propiciar competências capazes de desenvolver ações cognitivas, sociais, tecnológicas e emocionais, o que, consequentemente, promove o aprender e o agir. (Projeto Político Pedagógico, 2021, p. 08-09. Grifos meu).

Para tanto, os valores morais e éticos são indispensáveis para a concretização desse processo e, precisam ser aplicados ao contexto sociocultural e tecnológico do sujeito aluno-professor-sociedade. Para isso, a escola baseia-se nos quatro pilares da educação: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser*. Quanto aos instrumentos de organização do trabalho pedagógico vão desde a proposta curricular até os relatórios/resultados finais.

Seu cotidiano é desencadeado através de normas de convivência interna, cumprimento de horários específicos, observação das hierarquias legais derivando da Constituição Federal, da constituição do Estado do Maranhão, da LDB – Lei de Diretrizes e Bases – nº 9.394/96, das propostas do Regimento Interno e do Conselho Escolar, bem como do Estatuto do Servidor Público do Estado do Maranhão. E, atrelado a isso, a escola internamente “desenvolve o sistema de normas específicas de funcionamento de cada setor até onde lhe é permitido usufruir de autonomia enquanto comunidade legitimado nos anseios da clientela que assiste” (PPP, 2021, p. 16).

Perfil discente e condições de aprendizagem

O perfil discente é um tanto variado, haja vista serem oriundos tanto da zona rural quanto urbana; na maioria são filhos de pequenos agricultores, comerciantes, outros com empregos no comércio, sindicatos e órgãos públicos, e com faixa etária entre 16 a 25/30 anos. Além disso, a miscigenação também é evidente: negros, brancos, pardos. Sobre suas religiosidades, a partir do convívio e de observação, concluiu-se que alguns são católicos, outros protestantes, e outros que não se identificam com nenhuma doutrina religiosa.

Acerca da quantidade dos alunos atendidos, temos o seguinte:

- Matutino/Ensino Médio Regular (277);
- Vespertino/ Ensino Médio Regular (261); e
- Noturno/EJAI – Educação de Jovens, Adultos e Idosos (90).

Totalizando, portanto, em 628 (seiscentos e vinte e oito) alunos. Referente aos problemas que comprometem o processo de ensino e aprendizagem, nas turmas em que observei – turno matutino (três turmas de 1º ano, uma turma de 2º ano e uma turma de 3º ano) é que o contingente é bem expressivo, pois haviam cerca de 45 a 50 alunos por sala, acarretando em salas superlotadas. Em consequência disso, a dinâmica/comportamentos dos discentes, ora se expressava como um ponto negativo: falta de interesse, conversas paralelas, etc, e ora positivo: boa parte dos discentes demonstravam interesse nas aulas e participavam das atividades propostas, respeitavam o professor.

É bem verdade que o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes ficava comprometido em partes, pois aqueles que faziam barulho, por exemplo, atrapalhavam os que de fato queriam aprender e, os que atrapalhavam esse processo não se davam conta [ou simplesmente não se importavam] do que eles estavam perdendo, em se tratando de ter uma oportunidade de estudar, [numa escola com infraestrutura boa, professores capacitados, inclusive] se comparado a outras pessoas que queriam frequentar esse espaço e, infelizmente, por tantos motivos, não têm/tiveram essa oportunidade.

De certo modo, esses pontos negativos, eram trabalhados no decorrer das aulas, mesmo que em caráter de repetição, e eram questão de “grupinhos”, o que permitia serem punidos – mudados de lugar dentro da sala ou serem expulsos dela em caso de algo mais grave. O fato, vale ressaltar, é que nunca se perdia a esperança sobre esses alunos “bagunceiros”: chamando sua atenção, tentando envolvê-los na discussão dos conteúdos ou exemplos que eram usados, afinal, a educação é um ato de intencionalidade e, como bem nos lembra Paulo Freire (1992, p. 05), educar é também um ato de esperança.

Esperança de que eles melhorem e se enquadrem no sistema de regras internos da escola, pois como é o primeiro ano deles numa escola de estado, aquela “molecagem de adolescente” ainda os rodeavam; esperança de que eles “acordem” a tempo para os estudos e foquem nos seus objetivos de vida que, necessariamente, estão imbrincados pelo viés do estudo.

Em alusão à relação entre a escola e comunidade, dentro das possibilidades, os professores [em minoria] tentam relacionar os conteúdos com o cotidiano do alunado. Isso também acontece em termos de conteúdos trabalhados em sala e que se estende em forma de projetos, ações, aulas de campo, mesmo que isso aconteça raras vezes.

Ainda sobre a relação escola-comunidade, também foi possível observar que alguns docentes têm essa dificuldade, haja vista alguns serem oriundos de outras cidades [talvez isso seja um dos fatores mais preponderantes] e, mesmo aqueles que residem no município, também não conhecerem a realidade dos discentes, sobretudo aqueles que moram em comunidades rurais e, de fato, possuem uma realidade/rotina diferente dos que vivem em espaços urbanos.

Nesta perspectiva, ousou dizer que os professores atuantes, em sua maioria, “não recebem uma formação adequada para lidar com a realidade do campesinato, por isso seu desinteresse [ou a ausência mesmo de formação nessa área] em estabelecer relações com as comunidades[...]” (Ribeiro, 2012, p. 296) ou até mesmo urbanas, em que a dificuldade pode vir a ser a mesma ou até mais complexa, se levarmos em consideração certos elementos de cunho conflituoso.

É oportuno frisar que não é intenção aqui criticar o trabalho do professor. De certo modo, isso também serviu de análise e avaliação tanto de minha prática pedagógica atual [porque já atuo no fundamental e tento contextualizar as aulas com o viver dos alunos, mas nem sempre é possível por vários fatores] quanto futura, porque “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 2013, p. 40).

SEGUNDA PARTE: A REGÊNCIA

A partir das observações em sala de aula, em contato com os alunos e conversas com o supervisor técnico, de comportamentos um tanto desfalcados por parte de alguns estudantes, fui planejando as aulas/atividades de modo que, dentre outros fatores, pudessem cativar os estudantes, trazendo algo diferenciado. Dessa forma, recorreu-se ao lúdico.

Para Rigatti e Cemin (2021, p. 02) este aporte pedagógico “torna a aprendizagem espontânea e possibilita o desenvolvimento de habilidades, da criatividade e da busca de soluções lógicas para uma determinada questão”. Além disso, está baseada em um ensejo do aprendiz despertar o desejo do saber e do aprender a resolver situações-problemas através de práticas educacionais que simulam o cotidiano, tornando o ensino atrativo.

Assim sendo, foram trabalhados jogos de revisão/aprofundamento (adaptado de Lara, 2011) na disciplina de Biologia numa turma de 3º ano; atividades de fixação em forma de dinâmicas (perguntas e respostas); exercícios de análise-aprofundamento de forma mais prática (apresentações orais); dinâmicas de introdução do conteúdo, essas três últimas, nas três turmas de 1º ano, na disciplina de PRÉ-IFI. Além disso, momentos de diálogos e instruções também foram oportunizadas durante o apoio à disciplina de eletiva “Moda e consumo”.

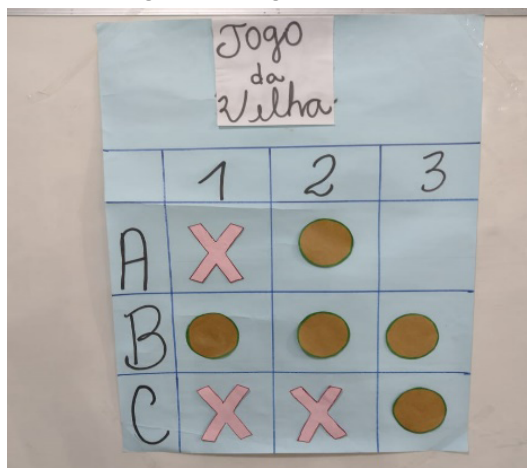
A partir dessas atividades, observados os comportamentos dos estudantes, dos momentos de aprendizagem [ações grupais ou individuais, oportunidades para os alunos opinarem e demonstrarem seus argumentos, comentários espontâneos durante a praticidade das atividades, etc.] foram analisadas e sistematizadas dando origem ao texto abaixo, tido como a experiência maior durante o estágio.

Vale lembrar que no intuito de preservar a identidade dos estudantes das diferentes turmas, optei por nomeá-los pelas siglas A (correspondendo aos alunos das turmas de 1º ano na disciplina de PRÉ-IFI e da Eletiva) e B (aos estudantes do 3º ano da disciplina de biologia). E, no intento de destacar as falas dos participantes, estas se encontram em *itálico* e os erros ortográficos foram ajustados, sem que o significado da frase fosse alterado.

Jogo da velha

Na disciplina de Biologia, com a turma de 3º ano, em uma das aulas foi trabalhado o jogo da velha (figura 01) como uma atividade de revisão.

Figura 1: Jogo da velha



Fonte: autor, 2023.

Os estudantes além de responderem sobre o assunto (Briófitas, Pteridófitas, Gimnospermas e Angiospermas) para poderem ganhar, também deveriam pensar estrategicamente ao escolherem o envelope contendo a linha e a coluna, pois se acertassem pontuavam, caso contrário a equipe adversária pontuava.

Boa parte dos discentes demonstraram interesse, participaram, inclusive elogiando as dinâmicas/atividades envolvendo os conteúdos como expressadas nas falas de alguns:

"Gostei dessa atividade" (B1, 2023);

"Foi diferente, eu gostei" (B2, 2023);

"Achei legal, vai ter de novo?" (B3, 2023);

"Na próxima vai ter revanche" (B4, 2023).

De acordo com Lara (2011) uma das formas de aprofundar esse pensamento/conhecimento/assunto/conteúdo é por meio dos jogos de aprofundamento através de resoluções de problemas, podendo ser solucionadas na forma desses jogos, substituindo, por exemplo, enormes listas de exercícios cansativos de repetição.

Em síntese, foi uma aula bem divertida e participativa, os alunos demonstraram muita receptividade. É bem verdade que não se tinha 100% de aproveitamento por parte dos discentes devido certos alunos dificultarem no momento das explicações com barulhos ou mesmo brincadeiras desnecessárias. Todavia, ao me reportar a eles, demonstravam respeito e voltavam a atenção para o momento da explicação. Tentei trabalhar da melhor maneira possível e de forma que eu trouxesse algo diferente para sala de aula, tornando o espaço-tempo em momentos mais dinâmicos, refletindo sobre minha prática docente (Sousa e Almeida, 2021).

É bem verdade que nem sempre pude levar atividades lúdicas para essa turma, o "jogo da velha" foi o único. No entanto, os demais conteúdos abordados sempre foram trabalhados levando em consideração seus conhecimentos prévios e com o cuidado de serem relacionados com seus viveres, buscando, "estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos" (Freire, 1996, p. 17).

Apoio pedagógico em disciplina de eletiva

Também fiquei responsável por auxiliar pedagogicamente na eletiva onde já estava sendo trabalhado o projeto “*Moda e consumo: como praticar ações sustentáveis*”? Algumas coisas já tinham sido feitas e outras estavam em andamento.

Observando e conversando com os alunos sobre o que eles iriam fazer (no caso, customização de roupas e confecções de algumas peças a partir de materiais descartáveis) ficou evidente que alguns alunos já tinham em mente o que fazer e outros até já estavam confeccionando. Entretanto, haviam certos estudantes que em partes estavam pensando previamente no que iriam fazer, mas em outros casos, não tinham ideia de como prosseguir, nisso, ouvindo-os atentamente e compreendendo a importância de não reformular, mas contribuir com suas ideias, orientei as possibilidades de serem feitas, a partir dos materiais que eles poderiam dispor com mais facilidade.

Ou seja, conversando, trocando ideias, dialogando, eles conseguiram chegar a uma conclusão que previamente estava mentalizada. Ensinar requer uma constante reflexão principalmente por parte do professor no sentido de tentar atender às singularidades de seu alunado, assim como respeitar o tempo de aprendizado de cada um, ao mesmo tempo em que os compreendemos como sendo protagonistas de seus aprendizados, apreciando seus conhecimentos prévios, e a partir deles construir novos saberes, procurando oportunizar momentos mais interativos e significativos (Ausubel, 1982).

Essa tutoria foi muito proveitosa, uma vez que foi possível observar, aprender e compartilhar de muitos talentos e habilidades, concretizados pelos momentos de interação, de comunicação, socialização, e sempre instigando os alunos a procurarem, pesquisarem, expor seus pensamentos e se arriscarem em fazer algo novo, diferenciado. Como bem foi frisado nas frases de alguns alunos quando me pediram ajuda ou sugestão, ao mesmo tempo em que me reforçavam que deveria ser algo reciclavelmente bonito, “*usado no dia a dia e que se fosse o caso, até vendido*” (A1, 2023).

Ou seja, estes estudantes estavam exercendo seu papel de sujeito pensante e assumindo-se como um ser que, inserido num espaço social, também se preocupa com a sua transformação. Freire (2013, p. 42) nos reforça dizendo que uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é:

[...] propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor(a) ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social, histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos[...].

Assim, percebe-se que o trabalho do professor está muito além de simplesmente repassar um conteúdo, é diálogo, ouvir, compartilhar, acreditar e permitir que o processo de ensino e aprendizagem seja construído/possibilitado e não mecanicamente instruído.

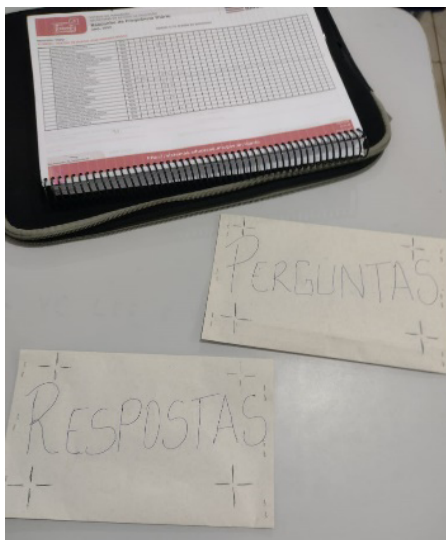
Atividades no componente de PRÉ-IFI

O Pré-Itinerário Formativo Integrado (PRÉ-IFI), é um componente curricular do ensino médio em que se desenvolve estudos, pesquisas e práticas relacionando as áreas de conhecimento com as oportunidades de estudo e trabalho correspondentes aos itinerários formativos que os alunos poderão cursar a partir do 2º ano.

As atividades que realizei relacionavam-se com as futuras e possíveis áreas de atuação desses alunos. Em primeiro contato, por meio de conversas/socialização, no caso, das profissões da área da Ciências da Saúde, foram muito proveitosas porque englobamos várias áreas do conhecimento, inclusive, das Ciências da Natureza. Conforme Lück (2010), isso mostra que o conhecimento não pode ser fragmentado, muito pelo contrário, estão inter-relacionados e isso deve partir também da percepção do professor possibilitando novos horizontes pedagógicos.

Nesta atividade, relativo ao 1º módulo Itinerário – Ciências da Saúde, que foi aplicada através de dinâmicas/atividades (figura 02) em que se trabalhavam ao mesmo tempo o conteúdo e outros aspectos da formação do indivíduo, promoveu, entre outros elementos, a interação como meio de aprendizado, pois, foi trabalhada em duplas, mas em determinados momentos, os outros alunos que já tinham participado ajudavam aqueles, que, durante sua vez, apresentavam certa dificuldade de resolução.

Figura 2: Dinâmica de perguntas e respostas



Fonte: autor, 2023.

Como se tratava de uma atividade de aprofundamento, da área da saúde, num envelope tinha uma característica ou uma das tarefas de um certo profissional, e do outro, o nome do profissional da saúde; a partir da leitura da frase e da relação com o profissional, eles, automaticamente, já falavam a resposta, e no caso, as pessoas que iam, por sua vez, se encontravam e se cumprimentavam.

Os alunos demonstravam interesse na atividade, se faziam participativos e, pelo o observado, gostaram dessa forma de atividade, como expressas nas palavras de certos estudantes ao irem desenvolvendo-a:

"Gostei dessa atividade" (A2, 2023);

"Achei divertido, aprendi brincando" (A3, 2023);

Ainda têm mais dessas assim?!" (A4, 2023);

"Vai ser sempre assim?!" (A5, 2023).

Foi muito descontraído, a turma participou bem, havia risos, bem como solidariedade quando alguém tinha dificuldade de ler ou de relacionar à profissão. Deste modo, Vigotsky (1998, p. 73) reitera que essa tática pode ajudar no crescimento social do sujeito, haja vista eles socializarem ideias/argumentos diferentes porque, às vezes, uns pensavam uma coisa e era outra; era justamente o objetivo da dinâmica, possibilitando tanto trabalhar a leitura, a lógica, a expressão corporal, quanto crescimento através da interação entre sujeitos, afinal, o homem não se constrói sozinho.

Esse fator foi observado nas três turmas de 1º ano. Segundo Teixeira e Apresentação (2014, p. 306) esse tipo de jogo/atividade também pode ser chamado de fixação de conteúdo ou de reforço que podem "substituir as listas de exercícios frequentemente pouco eficientes em termos educacionais[...]". É bem verdade que em umas haviam mais entusiasmo do que em outras, mas de maneira geral as turmas gostavam e participavam daquilo que era proposto em sala.

Em se tratando do 2º módulo do Itinerário – Ciências Humanas e Linguagens – foram trabalhadas dinâmicas para introdução do conteúdo a ser trabalhado e nelas envolviam comunicação, atenção, interação, compreensão, a própria dicção, como foi o caso da dinâmica *do telefone sem fio*.

Ramos (2017, p. 25) enfatiza que o uso de jogos e brincadeiras contribuem para o desenvolvimento dos aspectos psicolinguístico [emissão e recepção de mensagens, oralidade, vocabulário, leitura e escrita], psicomotor [conhecimento e domínio do corpo, assim como à motricidade ampla/fina, o equilíbrio, lateralidade, organização espaço-temporal, etc.], cognitivo [mobilizando tanto conhecimentos, memória e aprendizagem, habilidades do sujeito perante determinadas situações-problemas] e também socioafetivo [interação, empatia, cooperação, comunicação interpessoal, motivação, organização] do sujeito.

A partir das falas de alguns observa-se que eles tinham uma reciprocidade acerca delas:

“Olha! Vai começar a aula que eu mais gosto!” (A6, 2023);

“Êita! Hoje vai ter coisa boa!” (A7, 2023).

Em outros casos até se ouvia:

“Professor [a mim enquanto estagiário], por que você não troca de lugar com o professor [titular]?” (A8, 2023).

Além disso, quando terminava de trabalhar a parte teórica, ao me reportar para os momentos práticos, também se ouvia coisas como:

“Oba! Eu sabia que ia ter coisa legal, como sempre!” (A9, 2023);

“Bora lá, bora lá... vamos botar pra ganhar...” (A10, 2023).

Isso foi muito proveitoso/gratificante, pois à medida em que ia apresentando o conteúdo, íamos interagindo, isto é, houve uma troca de aprendizado nesse processo, haja vista serem levadas atividades lúdicas para trabalhar com eles e, em retribuição, eles desenvolverem várias coisas legais, e os alunos, principalmente aqueles mais tímidos (que quase não falavam durante a aula) ou aqueles brincalhões (que gostavam de chamar a atenção), assim como os demais que eram participativos, prestativos, e bem curiosos, demonstraram autonomia, segurança ao expressarem seus pensamentos, suas atitudes. Além disso, até mesmo os comportamentos que eram tidos como desagradáveis por parte de alguns estudantes, se resignificaram em várias qualidades “que estavam escondidas” durante o desenvolvimento das aulas.

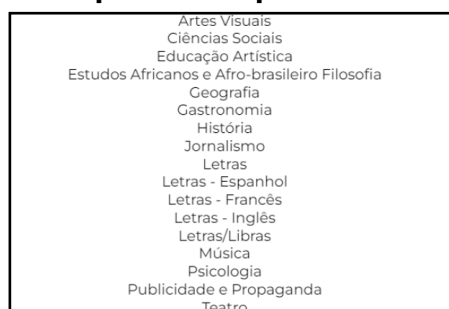
Para Campos e Lima (2016, p. 03) a prática pedagógica é uma rede viva de troca, de criação e transformação de significados, isto é, o fazer docente deve ser capaz

de orientar, preparar, motivar e efetivar, por um lado, as trocas entre os alunos e o conhecimento científico, de modo que esses construam os seus significados. Por outro lado, a prática do professor deve favorecer as trocas das elaborações construídas no próprio grupo a fim de que compartilhem seus conhecimentos (Campos e Lima, 2016, p. 03).

É, antes de tudo, compreendê-los como indivíduos pensantes e capazes de agir por conta própria e, o professor, buscar meios em que se possibilite uma troca de aprendizados por ambas as partes.

Na última atividade, para finalizar o módulo Ciências Humanas e Linguagens, apresentei os cursos que talvez tivessem interesse (figura 03) e, como forma de exercício, eles precisavam fazer, em grupo, algo relacionado aos cursos apresentados que foram sorteados no momento pós explicação da atividade.

Figura 3: Cursos superiores disponibilizados no Maranhão

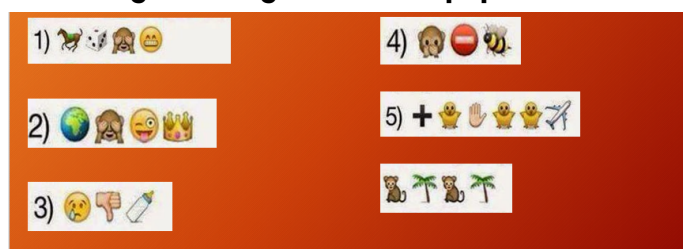


Fonte: SEDUC, 2023.

Desses foram sorteados alguns e em grupos eles realizaram a atividade. De início, demonstraram insegurança, mas logo em seguida começaram a trocar ideias, me perguntavam para esclarecer suas dúvidas, enfim, foi muito proveitoso porque eles além de terem pouco tempo para organizar a apresentação (20 minutos), conseguiram apresentar de maneira concisa e interessante, através de encenação, canto/música, fazendo propaganda, “elaborando” pratos típicos do nosso estado, etc.

Após as apresentações, como uma última atividade, trouxe alguns ditados populares em forma de *emogions* e outras imagens que externavam o ditado (figura 04) e que traziam uma mensagem/conselho, isto é, também uma interpretação textual.

Figura 4: Alguns ditados populares⁹



Fonte: autor, 2023.

Para os alunos era necessária atenção, análise, interpretação, um resgate cultural (alguns eram ditos por nossos avós, por exemplo) e, claro, era mais quem dizia o que pensava; quando acertavam, era uma alegria contagiante: palmas, sorrisos, expressões bem felizes, como expressas nas falas:

“Acertei!” (A11, 2023);

“Esse daí eu não lembro direito, mas já ouvi minha vó dizendo, parece que é[...]” (A12, 2023);

“Eu tô com uma dúvida... ah! Pera aí, esse daí é[...]” (A13, 2023);

“Tenho certeza que esse daí é [...], não acertei, professor?!” (A14, 2023).

9 -

- 1: Cavalo dado não se olha os dentes.
- 2: Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
- 3: Quem não chora, não mama.
- 4: Boca fechada não entra mosca.
- 5: Mais antes um pássaro na mão do que dois voando.
- 6: Cada macaco no seu galho.

Enfim, foi uma aula bem participativa, diferenciada, envolvendo os estudantes. Corroborando com o texto, Dani (2013, p.07) ressalta que o professor quando conhece/compreende/percebe “[...] a importância que o lúdico ocupa na formação dos discentes, conseqüentemente, ele modifica sua prática pedagógica para um fazer mais produtivo”, pois, oportuniza tanto um raciocínio lógico quanto uma visão de mundo mais acentuada.

Ressalta ainda que a ludicidade uma vez constituída por inúmeras possibilidades de jogos, brincadeiras, atividades impressas, em grupos, etc, traz à luz a motivação do aluno em aprender.

À luz disto, a falta de interesse e/ou participação nas aulas, as conversas paralelas, a ausência de correlacionar os conteúdos com a vivência dos alunos e o cuidado em respeitar seus conhecimentos prévios, deram lugar a momentos de interação, aprendizagem mais prazerosa e significativa, elevação da autoestima, e dentre outros fatores possibilitados por meio do uso do lúdico.

Portanto, as diversas atividades realizadas em momento de regência culminaram em grandes aprendizados, pois a dinâmica do processo de estagiar me oportunizou observar, aprender, analisar, pensar e repensar o fazer docente, como também enriquecer minha formação social e profissional através da observação e vivência da prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado, em todos os seus sentidos, se torna um grande aliado no processo de aprendizagem seja porque relaciona a teoria apreendido na universidade/graduação, seja por ser um período que, sem sombras de dúvidas, se valerá para toda uma vida.

Nesse sentido, as experiências possibilitadas, na figura de estagiário, no colégio Centro de Ensino “José Ribamar Maranhão”, promovidas pela interação e relação entre aluno-professor, estagiário-aluno, aluno-aluno e estagiário-professor teve e têm – com toda certeza – suas grandes contribuições. Também porque o espaço escolar possui infraestrutura propícia para o ensino e aprendizagem; uma gestão aberta ao diálogo; professores qualificados; e, ainda que timidamente, certos educadores tentam relacionar os conteúdos trabalhados com o aproximado do viver discente, bem como haver uma receptividade das atividades lúdicas/práticas propostas pelo estagiário.

Por outro lado, percebeu-se que a maioria dos educadores desconhecem ou não possuem nenhuma formação no âmbito da Educação do Campo. De certo modo, não conhecem a realidade do alunado devido residirem na cidade e outros fora do município, somado ao fato de um contingente de estudantes morarem em espaço rural, havendo um distanciamento neste aspecto. Apesar de terem sido ofertadas aulas mais dinâmicas, não necessariamente houve 100% de aproveitamento ou participação por parte dos alunos e, infelizmente, uma minoria de estudantes ainda não deram o devido valor aos estudos.

Como discente de um curso de Licenciatura em Educação do Campo, tentei fazer jus a esse título. Reconheço que deixei a desejar em determinados pontos e que somente pelo período de estágio, não tão longo, muita coisa que seja relevante possa ter ficado por conhecer, o que poderia ser indícios de outros trabalhos.

Portanto, a partir de um conjunto de atividades realizadas – pesquisa documental (PPP), entrevistas semiestruturadas (Diagnóstico inicial do campo de estágio, à gestão e equipe administrativa), somada às observações e, principalmente regência em sala de aula, considerando a especificidade do curso (Educação do Campo) – foram percorridas, apresentadas e refletidas experiências de um estagiário revelando suas reflexões acerca do fazer docente nesse espaço-tempo.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. Formação continuada como instrumento de profissionalização docente. In: VEIGA, I. P. A. (Org.) **Caminhos da profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.
- BERNARDY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira. Importância do estágio supervisionado para a formação de professores. In: XVII SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, 2012, [S. L.]. **Anais[...]**. [S. L.], 6,7 e 8 nov. 2012. p. 4. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf> . Acesso em: 28 mai. 2023.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Lei Nº 11.778, de 25 de setembro de 2008**. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm. Acesso em: 02 jul. 2023.
- CAMPOS, Jessica; LIMA, Renato Abreu. O estágio supervisionado na formação do docente em ciências naturais. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 3, n. 2, 2016, p. 129-140. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/download/426/623/2313#:~:text=O%20est%C3%A1gio%20supervisionado%20C3%A9%20a,metodologias%20j%C3%A1%20estudadas%20na%20gradua%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- CENTRO DE ENSINO JOSÉ RIBAMAR MARÃO. **Projeto Político Pedagógico**. Alto Alegre do Maranhão-MA, 2021. p. 1- 167.
- DANI, Lucia Vera. **A tabuada no contexto escolar: o processo de ensino-aprendizagem a partir do material manipulável e dos jogos pedagógicos**. Secretaria de Estado da Educação – SEED/PDDE: Paraná, Campus de Cascavel, Cascavel, 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_mat_pdp_vera_lucia_dani.pdf . Acesso em: 25 jun. 2023.
- ESTADO DO MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Material Estruturado do PRÉ-IFI – Pré-Itinerário Formativo Integrado**. São Luis, v.1, 2023. p. 1-87. Disponível em: <https://www.educacao.ma.gov.br/wp-content/uploads/2023/02/Caderno-2023-6.pdf> . Acesso em: 18 mai. 2023.
- FONSECA, Gleice Kelli *et al.* As contribuições do estágio supervisionado para a formação do pedagogo. **SEMIOSES: Inovação, e Sustentabilidade**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, out./dez, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/semioses/article/download/490/223/#:~:text=O%20est%C3%A1gio%20supervisionado%20no%20curso%20de%20Pedagogia%20tem%20como%20finalidade,a%20amplia%C3%A7%C3%A3o%20de%20suas%20potencialidades>. Acesso em: 20 jun. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 45ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GUIMEIRO, Angela Hess. A formação continuada de professores: considerações acerca dos saberes e da prática reflexiva. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, MS. v. 5, n.9, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/download/7710/4353> . Acesso em: 10 ago. 2023.
- LARA, Isabel Cristina Machado de. **Jogando com a matemática na educação infantil e anos iniciais**. São Paulo: Rêspel, 2011.
- LÜCK, Heloisa. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. 17ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PIMENTA, Selmo Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis**, v. 3, Números 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006. Disponível em: <https://inbio.ufms.br/files/2022/03/texto-2-referencia-2-disciplinas-estagio.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2023.

RAMOS, Sandra Lima de Vasconcelos. **Jogos e brincadeiras na escola**: orientação psicopedagógica. São Paulo: Rêspel, 2017.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, R. et alii (org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012. p. 295-300.

RIGATTI, Keitiane; CEMIN, Alexandra. O papel do lúdico no Ensino da Matemática. **Conectus**, Caxias do Sul, RS, v. 1, n. 1, p. 1-17, mar./abr. 2021. Disponível em: <https://revista.ftec.com.br/index.php/01/article/view/6>. Acesso em: 01 jul. 2023.

SILVA, Pedro. **Pedro Silva**: entrevista [mai. 2023]. Entrevistador: Tiago de Oliveira Ferreira. Alto Alegre do Maranhão-MA, 2023. 08 p. (escritas). Entrevista concedida para informações sobre funcionamento administrativo e pedagógico do CEJRM.

SOUSA, Maria J., C.; ALMEIDA, Rafael C. O uso das atividades lúdicas no ensino fundamental nas aulas de ciências: a percepção dos professores. **Somma: Revista Científica do Instituto Federal do Piauí**, Teresina, v. 7, n. 1, p. 1-17, jul./dez., 2021. Disponível em: <http://revistas.ifpi.edu.br/somma/article/view/64>. Acesso em: 05 jun. 2023.

TEIXEIRA, Ricardo Roberto Plaza; APRESENTAÇÃO, Katia Regina dos Santos da. Jogos em sala de aula e seus benefícios para a aprendizagem da matemática. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 302-323, jan./jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1984723815282014302>. Acesso em: 25 abr. 2023.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998.